

## Conversações do VIII ENAPOL

### ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

#### 1. A família ficção necessária; tradições e segredos...

**Responsável NEL:** Mónica Febres Cordero

**Participantes:** Susana Dicker, Lorena Greñas, Laura Arciniegas, Raúl Castañeda, Gabriela Febres Cordero, Mariela Rodríguez

#### Segredo

O peso da família no destino do sujeito é abordado por Lacan em diferentes momentos do seu ensino. Em *Os complexos familiares*, escrito em 1938, ele estabeleceu que a família foi fundamental na transmissão de estruturas culturais. O casamento apareceu como um evento significativo marcado pela troca de palavras. O simbólico era uma legalidade referente à transmissão nessa época.

A transmissão como conceito vai tomar outro rumo na década de 70, quando Lacan escreve “Duas notas sobre Criança”. J.-A. Miller retorna na nota e diz que, ser um texto escrito a partir da perspectiva do sintoma, leva a reconstituir o que seria a segunda perspectiva no ensino de Lacan, a perspectiva do *sinthome*.<sup>1</sup> Rumo que desloca o privilégio do simbólico para o problema do prazer e do sujeito do inconsciente, o *parletre*.

Na nota, Lacan diz que a família conjugal está em um estado de resíduos. Ou seja, ele está em um estado de objeto *a* e é aí que reside a transmissão irreduzível. Para Lacan a mãe deve ter um interesse particularizado para a criança e os pais devem manter uma encarnação da lei no desejo. Mas Miller adverte, não é uma exaltação do papel do pai na metáfora, mas uma indicação de que a família é um conjunto de funções que são *aparências* (grifo nosso).

A fórmula da metáfora paterna é uma releitura da freudiano Édipo. Introduce nos problemas familiares um elemento enigmático: prazer das mulheres, na fórmula, aparece sob a sigla DM e alude ao "campo de prazer das mulheres, o gozo do Outro, que nidifica em toda

---

<sup>1</sup> Miller J.-A., O inverso de famílias. Intervenção na Conferência XXXIV ECF em novembro de 2005.

unidade familiar", como Miquel Bassols diz nos textos preparatórios Enapol VIII.<sup>2</sup> A família, como qualquer instituição humana, é um dispositivo que regula o prazer, o restringe e além deste recurso protege o inominável que esconde a satisfação das mulheres. De fato, no último ensino de Lacan, o prazer feminino aparece como princípio do regime do prazer. Prazer não édipo, fora da estrutura significativa e referido ao evento do corpo. Existe em nele uma parte não afetada pela castração e, por conseguinte, escapa o processo de proibição. Parcela do prazer, portanto, não estão sujeitos ao Nome do Pai e da lei. Se se trata de um indizível pela estrutura, tem nada ver com a impotência, mas a impossibilidade, é o não pára de não se escrever, realidade índice.

Em "Coisas da família no inconsciente"<sup>3</sup> Miller argumenta que a família é unida por um segredo, um desejo não falado aonde o pai e mãe desfrutam, um véu deitado sobre prazer feminino. Este prazer muitas vezes se encarna em na criança cujo sintoma é muitas vezes o retorno da verdade desse segredo. Se no prazer tem algo innominável mais tarde, quando um sujeito fale da sua família, falará de encontros substitutos, possíveis prazeres, a partir da castração introducida pela linguagem. De fato, contra a relação sexual que não existe, restam as substituições, o que Lacan chama "...os meios, as pontes, as passarelas, os edifícios, as construções que respondem ao fato de que não existe relação sexual".<sup>4</sup>

No rumo de Lacan a partir do Seminário 20, o significante não só tem efeitos de significado, senão de afeto sobre o corpo e o sintoma deixa de ser importante; o sujeito de que se trata deixa de ser o sujeito da lógica, mas um sujeito com o corpo, o *parletre*. *Parletre* que, no texto citado Bassols, é servo do segredo do prazer familiar. Consequentemente, a confusão da família serão abordados agora desde a clínica da sintoma onde a leitura significativa revelou o segredo que nidifica na família pelas vias do desciframento, mas a partir da clínica do *sinthome*. Isso envolve considerar: o disfrute particular do orador, *lalengua* e a reunião do significante con o corpo no evento no corpo. É a clínica de *parletre* absorvendo a clínica estrutural, como apareceu a partir de uma primeira leitura da Nota.

Na verdade, o inconsciente em uma primeira metade era ficção familiar, edipiano, e trouxe satisfação para o significado. Assim, em televisão, Lacan diz que o inconsciente é imaginário e mantém o sentido em lugar da não relação sexual; tanto assim, que se as

---

<sup>2</sup> Bassols, M., *Famulus, Lacan XXI Revista Fapol on line*.

<sup>3</sup> Miller, J.-A., *Cosas de familia en el inconsciente. Mediodicho* N° 32. Revista de Psicoanálisis.

<sup>4</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 18. De un discurso que no fuera del semblante*. Buenos Aires: Paidós. 2011, p. 155.

memórias da repressão família não fosse verdade, iriam inventá-los. “Esse é o mito” –diz ele- “a tentativa de dar forma épica ao que é a obra da estrutura”.<sup>5</sup> Nas conferências em universidades americanas, diz que as pessoas inevitavelmente acabam falando sobre seus pais, das formas como foram criados, da sua história. Discurso mítico, em que a verdade esperada por meio do sentido tem estrutura de ficção, ficção linguagereira. E no Seminário XX lemos: “a relação sexual, embora não caminhar, caminha de todas formas graças a... convenções, proibições, inibições ... efeito da linguagem” e o fantasma em si aparece como suplencia relação sexual que não é dito.<sup>6</sup>

Em seu último ensinamento, surge o que M.H. Brousse chama o inconsciente laciano, bateria de significantes contidos em *lalengua*. A causa deixa de ser edípica: fica preso por meio de pequenos pedaços de real, peneirado entre o encontro contingente de um significante e um objeto, o UnReal, É em torno desse encontro que o sujeito vai construir o seu fantasma e suas ficções, ordenados pelo princípio da não relação sexual. Os membros da família são parte da experiência do sujeito, mas de uma forma que já não tem a ver com o mito.<sup>7</sup>

### ***Lalengua da família***

É pelo efeito do significante, e mais precisamente, pela *lalengua* que o caráter da família se vé desnaturado. A *lalengua*, que é coisa da família. Nela se impregna sonoridades e modulações que toca o corpo da criança e, nela, se pode isolar como o desejo dos pais se encarnou para cada um na sua forma de falar: Impressões e marcas desses desejos. Se alguns dos matrimônios adoecem, é porque estão associados com prazer que o sujeito não pode assimilar: é o evento do corpo.

A família é o lugar de mergulho em um fervedouro de linguagem, Lacan propõe em L'insu, lugar de aprendizagem da língua materna. Quando o sujeito fala desta família em análise, percebe seu encontro com o desejo do Outro, no que poderia decifrar, e no que permaneceu indizível. E sobre esa *lalengua* é imprisso a linguagem com sua gramática para dar lugar aos mitos e ficções que cada um constrói. Já Freud referiu-se à atividade criadora da

---

<sup>5</sup> Lacan, J., *Psicoanálisis, Radiofonía y Televisión*. Buenos Aires: Anagrama. 1980, p. 116.

<sup>6</sup> Lacan, J., *El Seminario, libro 20. Aun*. Barcelona: Paidós. 1975, p. 45.

<sup>7</sup> Brousse, M.-H., L'inconscient lacanien, envers de l'inconscient des familles. *Quarto* 88-89.

neurose na infância: "...uma atividade fantaseadora muito particular, que se revela primeiro nos jogos infantis e logo... se apodera do tema das relações familiares" E, indicava que existe algo que permanece escondido, referido principalmente ao "prazer de colocar a mãe... questão de curiosidade sexual supremo... na situação de...segredos e envolvimentos amorosos".<sup>8</sup>

### **Variações sobre a família.**

Privilegiando a versão da criança em resposta ao desejo ou o prazer dos pais corresponde a dois momentos diferentes do ensino de Lacan. O primeiro envolve problemática fálica e o funcionamento da metáfora paterna. Em seguida o estatuto da criança se move do falo ao objeto e a *sexualidade femenina* aparece como a base prévia e necessária ao tratamento com crianças. A questão relativa a criança não está mais no desejo da mãe, mas sobre o que quer de uma mulher. Ao trabalhar com a criança procurará alcançar construir o fantasma que o habita: as ficções servem como elementos reguladores e separadores e sua riqueza é permitir a criança construir uma versão habitáveis do objeto *a*.

No *Seminário 16*, ao qual nos vamos referir, aparece problema do real e do prazer e, neste seminário, Lacan define o objeto *a* como liberado. É a criança que, tomados no prazer, cobre a falta da mãe e não como ideal (perspectiva da metáfora paterna), mas como um objeto. A família se estrutura a partir do local que ocupa a criança tanto como objeto de prazer não só da mãe, mas da família e mesmo toda a civilização, apontando para o Outro da época, suas demandas e seus excessos.<sup>9</sup>

O que define a uma família na perspectiva do Seminário é o lugar que os pais têm em relação ao conhecimento, o prazer e o objeto, termos que são oferecidos para o sujeito em palavras que a determinam, e encerrando dentro dele encontros com um prazer inassimilável. Lacan chamou a operação misteriosa do objeto *a*, na forma do sujeito para defenderse da hiância radical introduzida pelo significante. O ponto de partida é o fato de que no Outro tem uma falta absoluta que é da estrutura, S(A/), ponto que tem guiado nosso trabalho sobre a família, suas ficções e seus segredos. Entretanto sistema de semblante

---

<sup>8</sup> Freud, S., La novela familiar de los neuróticos. *Obras completas*. Tomo IX. Buenos Aires: Amorrortu, p. 218.

<sup>9</sup> Lacan, J., *El seminario, libro 16. De un Otro al otro*. Buenos Aires: Paidós. 2012.

durante a tentativa de ordenar o gozo, a família se revela como artifício subordinado à ausência da relação sexual. Bassols diz no texto citado: hoje as famílias se reorganizam seguindo as derivas do real da não relação sexual.

Para seguir com a falta há duas maneiras, como Lacan coloca no Seminário: adicionar o prazer que falta no Outro, - é o caminho perverso-, o que se opõe *famil*, que escreve s(A), dimensão dos significações. É a maneira de neuróticos que quer completar-se com uma família, mas para isso deve passar por uma mulher, apontando para as questões das mulheres e seu correlativo impossível.

## **Ficções**

A pergunta que surge neste contexto é: Que lugar para a ficção? Para a semblante, que cobre esse real do qual partimos? A nível do real, só tem semblante, não há relação diz Miller em *De la naturaleza de los semblantes*. Semblantes, mitos y ficções que cobrem o real na origem de cada um. No entanto, fica um resto, um real impossível de inscrever e que aponta ao encontro falido entre os desejos de cada um na constelação familiar. Lacan o advertia no “El malentendido”: “O *parlêtre* em questão se reparte em dois falantes...que não falam a mesma língua. Dois que não se ouven falar...que simplesmente não se entendem...” E, referindo-se ao filho nascido neste contexto, escreve: “Sejamos em nesse radicais: seu corpo é o fruto de uma linhagem do qual uma boa parte da suas desgraças é porque ele estava nadando no mal-entendido ... é o que herdamos”.<sup>10</sup>

Há de fato um mal-entendido radical na formação da família, o resultado o impossível que hospeda. E de frente ao impossível, Lacan ordenou sempre ao dizer, como propõe Miller. Daí o lugar da ficção. O que queremos dizer por ficção? “É uma invenção, uma produção que traz a marca do semblante. A linguagem tem uma estrutura de ficção.

Além disso, o inconsciente tem a estrutura de ficção de um real que não é outro senão o prazer que, ele sim, não tem estrutura de ficção”, Miller diz.<sup>11</sup> A partir desta perspectiva, propomos que a família, com seus mitos e segredos, é ficção, é apoiado por ficções que dão sentido e ao mesmo tempo, ocultam um prazer subjacente. Família como ficção, como enredo imaginário simbólico com suas declarações e silêncios, pode suportar o real do

---

<sup>10</sup> Lacan, J., El malentendido. Recuperado de: [www.psicologia.inedito.com.br](http://www.psicologia.inedito.com.br)

<sup>11</sup> Miller, J.-A., *Sutilezas analíticas*. Buenos Aires: Paidós. 2012, p. 116.

prazer, daí a sua consistência. Seu maior expoente é o romance familiar, cuja dose de amor e rejeição entre os membros, vela e revela uma alegria.

É neste quadro eis que surge a questão do desejo do Outro e as respostas fantasmagóricas que se constroem, versão de prazer dos pais.

### **Na família hoje: o lugar para ficções e tradições?**

Nós surge a questão da consistência da família nos tempos modernos, em la que desfallecen las tradiciones, se fragilizam as formas de autoridade e surgem versões do pai mais do lado da “demissão”, como é proposto por Lacan referindo-se pai Joyce.

O Nome do Pai da tradição tem sido desvalorizada. Se colocado na encosta do ideal permite o vínculo social, nós queremos saber sobre o lugar da tradição nos dia de hoje, quando desaparecem os ritos de passagem que tinham a função de separar um sujeito da família para vinculá-lo a uma comunidade mais ampla. Hoje, as invenções mais radicais, em ruptura com a tradição, são as que buscam ser reconhecidas.

De fato, para M.H. Brousse no presente momento a fragmentação do Nome do Pai cambaleia a autoridade e empurra um prazer segregativo que caracteriza os novos laços sociais. Brousse segue o caminho aberto pela última Lacan para pensar no distúrbios da famílias na perspectiva da "paternidade", em que não é mais do que regime de Édipo em que a lei estava assistindo a não relacionamento sexual, mas manteve como uma perspectiva, e onde a ficção apareceu da diferença sexual. No discurso hipermoderno se apaga a função tradicional da diferença entre os sexos e se modifica o parentesco como simbólico. Neste contexto, a criança toma o lugar do objeto não mais como resultado da transmissão simbólica ordenar as linhagens, mas tomado no delírio dos pais, nas palavras de Eric Laurent, e de lá organiza a vida das famílias. A Hipermodernidade mudou a família e revelou "o personagem fictício dos laços familiares".<sup>12</sup> Proliferam ficções incertas que hospedam concepções contraditórias sobre o que os pais querem do seus filhos. Ao lado, as novas ficções científicas não chegam a cobrir o que é a criança como um objeto. Se

---

<sup>12</sup> Laurent, E., “El niño como real del delirio familiar”, Conferencia en las VII Jornadas de la Escuela Lacaniana de Psicoanálisis, [www.nelguatemala.org/autores/eric-laurent](http://www.nelguatemala.org/autores/eric-laurent)

amostra a insuficiência do ficcional em “dar conta do ponto da real do que é a origem subjetiva de cada um”.<sup>13</sup>

Frente a estas laços frágeis, relações “líquidas”, ao falar de Bauman, Que lugar é para ficções e tradições familiares? Que arranjos substituem as tramas edípicas? Propomos que ao desaparecer a ficção da família tradicional e frente a proliferação de modalidades novas para criar família, na atualidade é mais sobre os laços que se devem inventar e das novas ficções ao escrever. Como Laurent sugere, ao desaparecerem que as tradições de antes e os pontos de identificação que forneceram, fica a oportunidade.

E escreve-los de que maneira? A narrativa tradicional foi substituído pelo “império das imagens”. A mediação simbólica resulta pouco eficaz frente a intrusão da técnica, de modo que a imagem em si torna-se um papel significativo. No entanto o sujeito é impotente ao levá-la a uma trama simbólica que o junte: sofre um desbotamento de uma ficção visual passageira. Se angústia no intento de notá-lo porque está metido no instantâneo: o Snapchat, o Instagram, nas “histórias” narrações em imagens que duram segundos... São as ficções de hoje que o sujeito tem para ser contado?

---

<sup>13</sup> *Ibidem.*